

**TEXTOS PARA O PROGRAMA EDUCAR SOBRE
A APRESENTAÇÃO DA PEADS
A IMPORTÂNCIA SOBRE O PAPEL DA ESCOLA**



Texto escrito para o primeiro caderno de formação do Programa Educar em 2004. Trata do papel exercido pela escola sem e com a Peads.

Quem procura aperfeiçoar as condições do ensino das escolas públicas ou de outros espaços pedagógicos, costuma ir atrás de livros, experiências, que ajudem a melhorar as aulas, os textos, o material didático, a didática para lidar com os alunos, as dinâmicas de grupo. Tudo o que se encontra ao alcance trazido pelas contribuições da sociologia, da psicologia, da antropologia, da genética, da biociência, da informática e ciências afins. Nada mais lógico e natural seguir esse caminho.

Os gestores públicos costumam ir atrás de melhorar as condições físicas, as instalações, os móveis, a merenda, o transporte, a capacitação do professorado, a gestão escolar, o acompanhamento às escolas, evitar a evasão e melhorar o índice de aprovação. Tem sido um caminho habitual dos gestores e atores envolvidos no processo.

Os sindicatos de professores habituaram-se a batalhar por melhores salários e condições de ensino. Também são caminhos trilhados pelas lideranças.

Todos esses caminhos legitimam cada vez mais o papel que a escola exerce na sociedade. Melhorando todas essas dimensões, o papel que ela exerce não se alterará, pelo contrário, será aperfeiçoado. Isto é, o que ela representava para seus alunos, com uma série de deficiências, vai passar a exercer sem deficiência, com mais habilidade, com recursos mais modernos, com mestres mais capacitados, com infra-estrutura mais adequada.

Para chegar a esse nível, esse processo exigirá muitos recursos financeiros. União, estado e município não dispõem facilmente. Quando aparece uma oportunidade de investimento para a educação, todos sonham com essas oportunidades.

O Programa Educar não disporia nunca de tantos recursos que seriam necessários para tornar a escola do sertão nessas condições. No entanto, o Programa tem na

escola a estratégia básica para diminuir o trabalho infantil nas suas piores formas. Haveria outro caminho que não os grandes investimentos? Existem experiências concretas no estado, no Brasil que conseguisse tornar uma escola deficitária em todas as suas dimensões, uma escola inclusiva e integral?

O Programa Educar procurou a experiência que o Serviço de Tecnologia Alternativa – SERTA vem desenvolvendo em municípios da zona da mata e do agreste com resultados e impactos sobre os alunos, as professoras e as famílias.

O SERTA escolheu outro caminho. Aprofundou o papel que a escola exercia para a população do campo e concluiu que apesar de todas as carências, limitações, dificuldades que passa, há uma coisa que ela vem fazendo muito bem, com muito sucesso e êxito. Os valores que ela vem ensinando as crianças e jovens do meio rural, ela faz de um jeito tão eficiente, que esses não conseguem esquecer, a não ser com raras exceções. Ela ensina tão bem que a lição incorpora-se no inconsciente dos alunos para o resto da vida.

O que a escola faz tão bem assim? A escola ensinou no Nordeste, durante décadas aos alunos/as do campo:

- que para serem felizes, teriam de migrar para as cidades,
- teriam de abandonar a agricultura,
- a escola identificou para seus alunos que agricultura era "o cabo da enxada", era o trabalho penoso que seus pais praticavam, porque não sabiam ler e
- que deviam aprender bem para não terminar a vida como seus pais,
- a escola ensinou que ser do campo era coisa de matuto, brocoió, pé-rapado, ignorante,
- e que o pessoal da cidade era mais inteligente, falava melhor, tinha vida melhor, pelo fato de viverem na cidade,
- a escola estimulou seus alunos e alunas a tirar os documentos para migrarem, para o pouco que aprenderam usar na cidade, a serviço da cidade
- a escola provou para os alunos que agricultura "não veste camisa", que seus pais não saíam do canto e não melhoravam de vida porque continuavam na agricultura.

Quem duvida que a escola fez isso no campo? Quem duvida que em troca do código escrito que ela ensinou, roubou a identidade, deixou os alunos com vergonha de seus pais e de seu ambiente, baixou sua auto-estima?

Exercendo esse papel, a escola foi fiel escudeiro da nossa cultura, das nossas elites, que pensavam assim também. Essa situação da escola tem sido uma opção, uma escolha feita pela cultura dominante, que reservou esse papel para a escola. A sociedade acolheu e aceitou esse papel para a escola, permitiu que a mesma a desenvolvesse sem atrapalho e sem questionamento. Cobrou da mesma esse papel e função. Se a escola fosse exercer outro papel, o aluno não aceitaria, o pai também não e avó também não, da criança ao mais velho, a escola foi pensada, organizada, estruturada para "passar essa lição bem passada" e conseguiu passar. Passou tão bem passada que mesmo, quem não a frequentou, entendeu essa lição e ficou aplicando-a.

Essa opção não é uma questão de didática, de formas e maneiras de ensinar e aprender, não é uma questão de gestão, de condições de ensino ou de salário de professor, ou de condição econômica das famílias. É uma questão de filosofia e de ética, é uma escolha e decisão política. Algumas pessoas, com uma concepção de pessoa, de mundo, de sociedade escolheram o currículo, programaram os conteúdos, avaliaram as funções, colocaram nessas coisas a sua concepção, a sua visão de mundo, de modo tão perfeito, que quem ensinava ou aprendia, pensava que estava fazendo o melhor, o mais correto e o mais certo para os alunos e para a sociedade.

E tem mais, fez de um jeito tal, que passou sem ser em forma de conteúdo disciplinar, sem deixar explícito. Pesquisadores chamaram esse fenômeno de **currículo oculto**, exatamente, por passar na escola como oculto, sem ser explícito para os professores e para os alunos e seus familiares. Passou sem as pessoas que estavam veiculando saber o que estavam ensinando e os alunos, sem saberem que estavam aprendendo.

Esse currículo oculto é sobretudo, formado por valores, é o que a escola ou a professora, passa para os alunos, sem explicitar e o aluno assimila sem precisar estudar, fazer esforço, tirar nota nas provas. O aluno faz prova sobre os conhecimentos e pode depois até esquecer, uma vez que os conhecimentos dirigem-se muito ao consciente. Mas sobre os valores, o aluno não precisa fazer

prova, pois se dirigem mais ao inconsciente e fica difícil de esquecer. Os conhecimentos são formados pelas disciplinas e pelas ciências. Os valores são formados pela filosofia, pela ética.

Os que deram forma aos currículos ocultos e explícitos costumam dizer que o ensino é só da ciência e não inclui valor. É o método positivista, quanto mais o conhecimento ficar distante das crenças, dos valores, da subjetividade, mais garantido ele está com a verdade. No entanto, esquecem, ou melhor, ocultam que essa posição não é uma questão de ciência e sim uma escolha e opção filosófica e política. Fazem assim, escolhem assim, porque acreditam nisso. Se acreditassem em outras coisas, fariam diferente!

Escolheriam outros conteúdos de conhecimento e explicitariam os valores, que evidentemente seriam outros. Em vez de passar o valor para o aluno do campo que ele é um coitado, um pobrezinho, que seu pai é um condenado por não saber ler, por trabalhar na agricultura, que agricultura não veste camisa, que o semiárido deve ser abandonado, porque não tem futuro.

Em vez de passar o valor que só quem tem futuro são os grandes, os que moram na cidade, o governo, os políticos e que a solução dos problemas dependem desses. Em vez desses valores, passariam a crença de que as mudanças são possíveis de se fazer, que as pessoas da agricultura tem valor e podem ser felizes tanto quanto as pessoas da cidade, que a escola poderia construir conhecimentos para a convivência com o semiárido, que existem tecnologias ao alcance das pessoas.

Passariam a experiência de que a escola do campo tem tanto valor quanto a da cidade, que as professoras podem construir conhecimentos sobre a realidade que vivem com suas famílias, que podem aprender com a história de seus pais e avós, que a escola pode ajudar a descobrir as potencialidades humanas, culturais e econômicas de sua comunidade e também provocar a mobilização social dos moradores.

Passariam a idéia de que seus pais, mesmo sem domínio do código escrito, dominam muitos outros conhecimentos adquiridos na labuta do trabalho, da criação dos filhos e dos animais e que esses conhecimentos devem interagir dentro da escola com os conhecimentos científicos, técnicos, escolares e acadêmicos.

A PEADS – Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável criada pelo Serta foi escolhida pelo Programa Educar por ter conseguido atingir essa questão do papel da escola. Modificando o papel, a prática tem mostrado que as outras dimensões vão sendo alcançadas.

Em matéria de material didático, a escola abre-se para a vida da comunidade, o trabalho, a natureza e assim amplia os seus espaços pedagógicos. O estudo passa a ser sobre a realidade e a partir dessa, universalizar-se. Na medida em que os alunos e as professoras resgatam a sua identidade, reforçam sua auto-estima, a escola passa a ser considerada pelos alunos, pelas comunidades e pelos gestores com um novo olhar.

A crença do Programa é de que aonde existem pessoas, educandos e educadores, por menores que sejam as suas possibilidades aparentes, há sementes de mudanças no mais íntimo, aguardando a oportunidade de desabrochar. A escola mais remota dos sítios e fazendas, a adolescente explorada na venda do seu corpo são sujeitos das nossas crenças, acreditamos que poderão realizar mudanças.

Mas a estratégia começa com a mudança do papel da escola. Acreditamos que ela pode ser construtora de novos valores, produtoras de novos conhecimentos, repassadora dos conhecimentos acumulados na humanidade, porém de uma forma prazerosa, motivadora dos alunos.

Abdalaziz de Moura